

FUTEBOL? SÓ UMA VEZ POR SEMANA

ADILTON Silva não tem idéia de quantos quilos de comida pesa por dia. São tantos os clientes — como o sargento *gospel* e o meta-leiro Christian — que o moço até já perdeu as contas. Ele trabalha há dois anos como balconista de uma rede de restaurantes em Brasília.

E trabalha muito, o Adilton. Durante a semana, atende em uma filial do grupo no Senado Federal.

Nos sábados e feriados, dá plantão em uma das cinco lojas da rede espalhadas pela cidade. Só folga uma vez por semana. Mas não reclama.

O balconista não mora no Plano Piloto.

Todo dia enfrenta 42 quilômetros e uma hora de ônibus lotado entre a **CIDADE OCIDENTAL** (GO) e Brasília. A noite é a mesma coisa: vai até a rodoviária do Plano Piloto no começo da noite e haja paciência para o caminho de volta.

Mas Adilton tem um bom motivo para isso. “Eu sei que é longe. Mas o mercado de alimentação está em alta por aqui. A gente ganha bem”, garante. Só não revela quanto recebe no final do mês...

Ele sempre trabalhou no setor de comércio. Explica que o ramo é bom e ainda emprega muita gente.

“Se você pegar o jornal de hoje, vai ver que tem muita oportunidade. O pessoal reclama

que está sem emprego. Mas, se correr atrás, vai achar”, garante. Na filial do Senado Federal, o balconista costuma servir parlamentares e funcionários públicos.

Na loja do Pátio Brasil, a clientela é diferente. “A vantagem de trabalhar no shopping é que a gente pelo menos vê um povo diferente. Um pessoal mais novo”, brinca.

Nos feriados, o expediente começa ao meio-dia e só termina às dez da noite. “Chego em casa exausto”, admite.

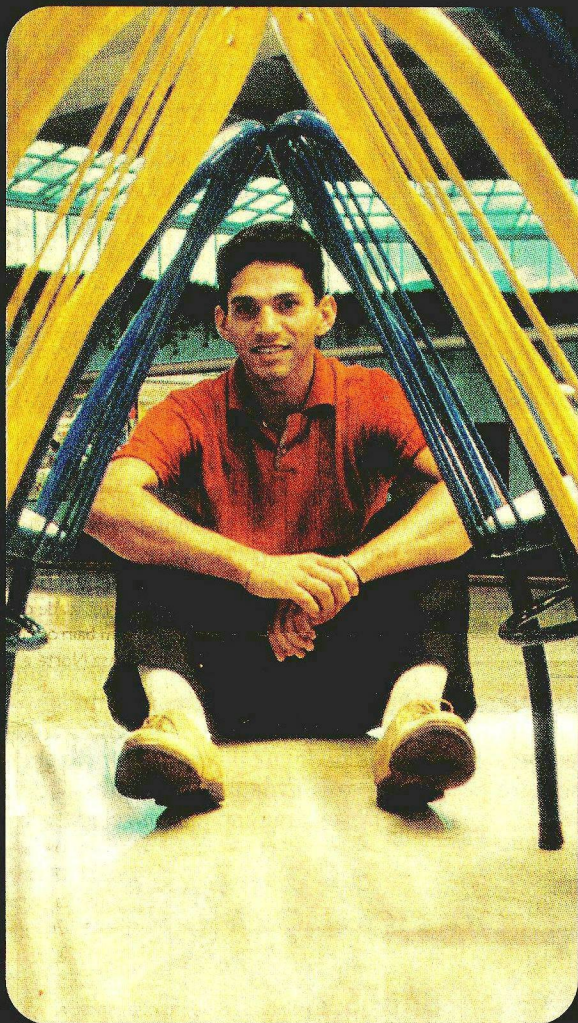
Mas Adilton não dá mole para o cansaço. Sempre que pode, sai de casa para bater uma bolinha com os amigos. “É o momento que a gente tem para descontrair. Não abro mão dele de jeito nenhum”.

Além de pesar a comida, o balconista recebe os pagamentos dos clientes e supervisiona a cozinha. Confere se ainda há comida no balcão, dá pitaco sobre o atendimento e ainda agradece aos clientes com um simpático “boa-tarde”.

Adilton já aprendeu tudo do ofício. Podia até montar o próprio negócio. Mas não adianta sonhar: não tem dinheiro para isso.

Naquela tarde de sexta-feira, Adilton serviu uma cervejinha gelada para Mário Pimentel — o chefe de contabilidade da rede de restaurantes. O homem passou na loja para conversar com os amigos após o expediente.

Depois da cervejinha gelada, Mário pegou uma carona e foi embora para Sobradinho.



ADILTON É UM CAIXA QUE ATENDE POLÍTICOS E “JOVENS”

CIDADE OCIDENTAL. Todos os dias, Adilton faz o mesmo percurso de pelo menos outras 15 mil pessoas que moram na goiana Cidade Ocidental e trabalham ou estudam no Distrito Federal. São 45 quilômetros que separam do DF a cidade de 41.396 habitantes emancipada de Luziânia em 1990. A Cidade Ocidental compõe, junto com outros 20 municípios, a Região do Entorno do DF, um cinturão de miséria e problemas, mas que guarda também esperança e peculiaridades capazes de emprestar charme e graça às cidades onde vivem cerca de 600 mil pessoas. Quem for à Cidade Ocidental, por exemplo, pode se encantar com o doce de marmelo, iguaria farta na região, que é a maior produtora do fruto no Centro-Oeste. Pode também ouvir embasbacado as histórias de Vovô Osório, o morador ilustre de Cidade Ocidental, que ensina aos visitantes e moradores o segredo de chegar aos 115 anos esbanjando vitalidade e energia.